

## O homem: António Ferro

António Joaquim Tavares Ferro nasceu a 17 de Agosto de 1895, em Lisboa, no terceiro andar do nº 237 da rua da Madalena, em plena baixa pombalina, a dois passos da Praça do Comércio.

O mais novo dos três filhos de António Joaquim Ferro, natural de Baleizão, e de Maria Helena Tavares Afonso Ferro, proveniente do Algarve, assistiu com 15 anos à implantação da República, vivendo a sua juventude nos tempos conturbados – social, política e culturalmente – do novo regime. O pai, republicano convicto, desde cedo que o levava a comícios, maravilhando-se Ferro com duas das figuras mais carismáticas de então – Afonso Costa e António José de Almeida –, que admirava pela retórica e eloquência.



**António Joaquim Tavares Ferro  
(1895-1956)**

Frequentou o Colégio Francês até 1911 e, entre 1911 e 1913, estudou no Liceu Camões, então o segundo liceu de Lisboa, inaugurado em 1909. Costuma dizer-se que foi neste período, no liceu Camões, que conheceu Mário de Sá-Carneiro, cinco anos mais velho. Mas não deve ser verdade, já que Sá-Carneiro terminou o curso liceal em 1910-1911. Mas, se não foi 1911, terá sido no ano seguinte, porque Ferro travou conhecimento com Fernando Pessoa, e isso aconteceu muito provavelmente por intermédio de Sá-Carneiro, antes da ida deste último para França, em Outubro de 1912.

É deste período o início da sua formação literária, para a qual contribuiu, desde logo, um tio materno, Pedro Tavares, oficial do exército e autor de alguns romances (*Margarida*, de 1900, e *Regenerada*, 1905).

Viveu, pois, uma juventude de pendor literário, no ambiente do primeiro modernismo português. Moveu-se numa multiplicidade de registos, desde a poesia, conferência, novela ao conto, teatro e manifesto. Estreou-se aos 17 anos, com *Missal de Trovas* (1912), em colaboração com Augusto Cunha (que viria a ser seu cunhado), um livrinho de quadras ao gosto popular; de forma regular, foi publicando: *O ritmo da paisagem* (1918), texto para um poema sinfónico do maestro Venceslau Pinto, *Árvore de Natal* (1920), *Teoria da Indiferença* (1920), o romance *Leviana* (1921), a peça *Mar Alto* (1924) ou o livro de contos *A Amadora dos Fenómenos* (1925), dedicado à memória de Sá-Carneiro. Viveu esta etapa da sua vida, como o colocou António Rodrigues, “com todos os sentidos nos mais variados acontecimentos da hora que passa” (1995: 116).

Neste percurso inicial, qual o lugar da obra literária de Ferro no quadro do primeiro modernismo português, de que foram figuras-chave Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Santa-Rita Pintor e Almada Negreiros? Para tentar responder a esta questão devemos olhar mais atentamente para o jovem Ferro.

Pode dizer-se que o seu foi um modernismo paradoxal. Porque paradoxal era o próprio Ferro. Apresentava-se como combatente do preconceito social, crítico da cultura oitocentista então dominante, irreverente e provocador. Das suas obras deste período, a mais claramente modernista foi o panfleto-manifesto *Nós*, distribuído em Lisboa, numa edição em papel pardo, à porta da Brasileira do Chiado, pela mão do próprio autor, tal como faziam os futuristas italianos e tantos outros agitadores de consciências. Tratava-se de um manifesto ao melhor estilo marinettiano. Porém, como diriam os ingleses, como que era um *blast from the past*: *Nós* foi publicado somente em 1921, tardio em relação às intervenções futuristas no *Orpheu*, ao *Ultimatum Futurista* de Almada Negreiros e, claro, ao manifesto do próprio Marinetti, datado de 1909!



**A Teoria da Indiferença, 1920**  
(capa de Armando Basto)

Dos livros de prosa, publicados entre 1920 e 1926, apenas a colecção de frases e paradoxos *Teoria da Indiferença* e a novela em fragmentos *Leviana* se podem assumir como tal. Mais, porém, pela embalagem que os envolvia – com capas dos mais talentosos ilustradores da geração, como Almada Negreiros, Bernardo Marques, António Soares, Jorge Barradas – do que pelo conteúdo<sup>10</sup>...

O modernismo de Ferro parece ter sido, sobretudo, uma questão de irreverência da juventude<sup>11</sup>, com obras marcadas em grande medida por uma atitude estética, de divulgação de um certo gosto europeu, que configurava um modernismo superficial, mundano, elitista, pleno de exibicionismo narcísico, de teatralidade, centrado no seu talento como *phraseur*, cultor do trocadilho e de paradoxos. É exactamente desta forma que o descreve Homem Cristo Filho, seu companheiro breve em aventuras literárias e políticas da juventude<sup>12</sup>, em artigo publicado no *Diário de Lisboa*: como um espírito “ligeiro, brilhante, deliciosamente superficial e abundantemente metafórico”<sup>13</sup>.

10 Grande parte destes homens acompanharão Ferro em muitas das suas iniciativas, a partir de 1933, no Secretariado.

11 É o próprio Ferro que define esta sua juventude artística como uma época de “wildismo desdenhoso [...], mole, dissolvente” (1954: 24).

12 Breve porque Cristo Filho faleceu em 1928, vítima de um acidente de automóvel quando se ia encontrar com Mussolini para a preparação de um Congresso das Nações do Ocidente, projectado para se realizar em Roma no ano seguinte.

13 Filho, Homem Cristo – A filiação espiritual de António Ferro. *Diário de Lisboa*, 13.2.1926, p. 3.

Ausente deste modernismo de Ferro estava, pois, a estética de ruptura, o “sabor revolucionário” do movimento de que falava José-Augusto França (1991: 93).

Todavia, o entendimento (aparentemente disseminado entre quem escreve sobre este intelectual) de Ferro como uma figura de primeira linha da literatura e do movimento modernista português está ligado, intimamente, à sua participação na revista *Orpheu*<sup>14</sup>, como editor dos dois únicos números publicados em 1915. Esta revista foi o órgão da chamada Geração d’Orpheu, o grupo responsável pela introdução do Modernismo nas artes e letras portuguesas, no qual pontificavam homens como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, além de pintores como Amadeo de Souza Cardozo e Guilherme Santa Rita. Mas, como José Barreto demonstrou, esta ligação foi superficial e breve: sendo certo que foi editor da revista, esta escolha foi mais prosaica. E pragmática, já que dever-se-ia à sua menoridade – Ferro tinha então 19 anos – que o tornaria legalmente inimputável. O jovem não terá contribuído com qualquer trabalho, nem como autor<sup>15</sup>, nem em outra função, existindo apenas uma nota manuscrita de Pessoa onde se mencionava que teria angariado assinantes. Em Julho de 1915, Ferro rompeu publicamente com Pessoa por razões políticas<sup>16</sup> e proibiu que o seu nome figurasse como editor na revista. Com isso terá posto fim à sua aventura com o grupo.

Em 1913, com 18 anos, Ferro tinha-se matriculado no curso de Direito, em Lisboa. Passou apenas por ele, abandonando-o em 1918 sem o concluir, para se dedicar a uma outra paixão: a de jornalista.

E será na sequência da sua actividade jornalística, como crítico teatral do *Diário de Lisboa*, que viajou até ao Brasil, a convite da companhia de teatro de Lucília Simões e Erico Braga, em 1922. Não era um ano qualquer: era o ano da comemoração do primeiro centenário da independência brasileira, e foi também o ano da Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo – expressão formal do modernismo brasileiro – e da travessia do Atlântico em aeroplano por Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

---

14 Revista de arte e literatura, representativa da primeira geração modernista portuguesa, foi pensada para ser uma publicação trimestral, mas teve uma vida bastante curta, tendo saído apenas dois números, a 24 de Março e a 28 de Junho de 1915. O terceiro número não chegou a ser publicado, por razões financeiras. Assumindo um cariz vanguardista, a sua intenção era subverter, escandalizar, agitar as águas do panorama artístico e literário nacional, refém ainda dos cânones oitocentistas. Apesar da existência breve, a revista exerceu uma duradoura influência, inspirando movimentos literários subsequentes de renovação da literatura portuguesa.

15 Considerado mesmo por Pessoa e Sá-Carneiro como “ainda muito criança, social e *paucicamente*”, como registado em carta dirigida a Côrtes-Rodrigues, datada de 4 de Outubro de 1914 (apud Barreto, 2011: s/p).

16 Ferro era então correligionário do chefe democrático Afonso Costa, que defendia a participação de Portugal na I Guerra Mundial. Todavia, Pessoa e Sá-Carneiro viam-no, e ao Partido Democrático, como representantes da gente de baixa extracção, arruaceiros e ladrões, como lhes chamou Pessoa (Barreto, 2015). O rompimento, aliás, foi gerado por uma carta satírica enviada por Fernando Pessoa (na pele de Álvaro de Campos), ao diário *A Capital*, em 6 de Julho de 1915, polemizando com o jornal, que atacara repetidamente aquilo a que chamou “literatura de manicómio” do *Orpheu*, e regozijando-se pelo grave acidente ocorrido dias antes com Afonso Costa (Barreto, 2011).

Para Ferro, também foi o ano do seu casamento. Por procuração, com a poetisa Fernanda de Castro<sup>17</sup>: ela em Lisboa, na igreja de Santa Isabel, e ele no consulado de Portugal no Rio de Janeiro; as testemunhas foram a atriz Lucília Simões e o almirante Gago Coutinho, aclamado então como herói nacional. O pedido de casamento tinha sido feito por telegrama, tudo muito ao gosto de um modernista:

ACABO TER PROPOSTA MUITO VANTAJOSA PARA SERIE DE CONFERENCIAS CIDADES  
BRASIL STOP TOURNEE 8 A 9 MESES SO ASSINAREI CONTRATO SE ACEITARES CASAMENTO  
PROCURAÇÃO TELEGRAFICA STOP PASSAGEM RESERVADA ARLANZA MALA REAL INGLESA  
STOP PEÇO RESPOSTA TELEGRAFICA STOP ANTONIO (apud Castro, 1988:131).

Então com 27 anos, e munido de um espírito desenvolto, Ferro tinha já granjeado notoriedade pública em Portugal. Usou-a para se apresentar aos modernistas brasileiros, uma vez que algumas das suas obras circulavam no Brasil à sua chegada – caso de *Teoria da Indiferença*, *Leviana* ou *As Grandes Trágicas do Silêncio*.

Foi no Brasil que Ferro estreou *Mar Alto*, no Teatro Sant’Ana, em São Paulo, a 18 de Novembro; no Rio de Janeiro, a peça foi representada no Teatro Lírico, a 16 de Dezembro<sup>18</sup>. Adicionalmente, realizou uma série de conferências – *A arte de bem morrer*, *As mulheres e a literatura* e *A idade do jazz-band* – em diversas cidades e estados, como São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Recife, Santos, Ribeirão Preto, Belo Horizonte, Campinas e Juiz de Fora. Mais do que uma vez, a apresentação foi feita em termos encomiásticos por figuras destacadas do movimento modernista brasileiro, como Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida ou Menotti del Picchia<sup>19</sup>. A poetisa Fernanda de Castro, agora sua mulher, juntou-se-lhe entretanto, tendo complementado as intervenções culturais de Ferro com a leitura de poemas de autores portugueses e brasileiros.

Ferro viu ainda a prestigiada *Klaxon*, uma das revistas de divulgação do Modernismo brasileiro, publicar o seu manifesto *Nós*, no seu número 3, de Julho de 1922<sup>20</sup>. “Santos da casa não fazem milagres”,

---

17 Ferro tinha conhecido Fernanda de Castro em 1920, na sua conferência *Colette, Colette Willy, Colette e*, nos dois anos seguintes, tinha com ela trabalhado no *Diário de Lisboa*.

18 Em Portugal, a peça estreou-se apenas a dia 10 de Julho de 1923, no teatro de S. Carlos; no dia seguinte, a representação da peça foi proibida pelo governador civil, major Viriato Lobo, por razões de ordem moral, decisão que gerou um burburinho público de apoio a Ferro. Um protesto dirigido ao Presidente do Conselho e ao Ministro do Interior, assinado por cinquenta homens de letras e artistas – entre eles Raul Brandão, Fernando Pessoa, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão e Robles Monteiro – insurgia-se contra a intromissão da autoridade policial em matéria de moralidade literária, o que permitiu a Ferro apresentar-se como autor censurado, e conduziu ao levantamento da censura prévia, a 9 de Agosto. A peça, contudo, só foi novamente levada à cena na década de 1980.

19 A eles se juntam, neste movimento, outros protagonistas da “Semana de 22”, como Oswald de Andrade, Tácio de Almeida, Mário de Andrade, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda ou Plínio Salgado.

20 Por sugestão de Sérgio Buarque de Holanda a Mário de Andrade: “Pedi ao António Ferro qualquer cousa para *Klaxon*. Ele deu um manifesto publicado em Portugal e que nunca saiu em revista. Para nós ele é de toda oportunidade” (apud Franco, 2019: 53).

diz o velho rifão; e assim, a relação de Ferro com os modernistas brasileiros foi mais intensa do que com os seus congêneres portugueses, dela sendo reveladora a tirada bem-humorada de Mário de Andrade, que descreveu desta forma um jantar que os juntou:

Está entre nós o escritor português António Ferro. Ao autor dessa adorável 'LEVIANA' ofereceram os Klaxistas um jantar. Houve alegria, amizades, discurso e trocadilhos. Num dos momentos um dos convivas escreveu no cardápio: 'S. Paulo precisa de importar ferro'. Ao que o homenageado imediatamente respondeu: 'Porque Ferro se importa com S. Paulo'. O céu escureceu. A Terra tremeu, e muitos mortos ressuscitaram (apud Franco, 2019: 54).

Em Abril de 1923, Ferro e Fernanda de Castro regressavam a Portugal. O escritor e jornalista tinha obtido no Brasil o maior triunfo da sua vida literária, como se pode constatar da carta aberta que Oswald de Andrade lhe dedica, publicada em Março de 1925 no suplemento da revista *Contemporânea*, dirigida então por José Pacheco, amigo de Ferro:

Actualmente, se Portugal nos atulha ainda de dicionários caducos e regras inviáveis de síntese e prosódia, manda-nos também a jovialidade combativa de você, meu valente António Ferro. Porque, creia-me, a sua conferência – 'A idade do jazz-band' realizada nas principais cidades do Brasil, abriu lá um respiradouro por onde entraram os barulhos desarticulados da nova Europa, tão necessários às almas dos nossos dias [...]. A sua estadia entre nós deu apoio à atitude iniciada pelos modernistas de São Paulo, perante os volúveis letrados da capital. Sem você [...] estaríamos atrasados (apud Mazarão, 2013: 80).

Na *performance*, parte essencial destas conferências de Ferro no país irmão, talvez esteja a chave da sua excelente recepção entre os modernistas brasileiros: em *A idade do jazz-band*, por exemplo, a conferência era interrompida, numa encenação que se pretendia deliberadamente provocadora, por uma banda de músicos negros tocando instrumentos de sopro ao ritmo de uma bateria rudimentar (combo então designado por jazz-band) e uma bailarina. Mais do que como poeta e escritor de vanguarda, parece ter sido como conferencista que Ferro se destacou entre a elite intelectual modernista brasileira, como o parece comprovar o bilhete dirigido a Mário de Andrade por Ruy Ribeiro Couto, de Maio de 1923: "A sério? V. acredita no António Ferro? V. leu (ainda a sério) a Idade do Jazz de banda? [...] O que há de melhor no António Ferro – conferencista. [...] E eu que o admirava tanto antes de lê-lo" (apud Franco, 2019:59).

Mas o jovem literato e jornalista não se intimidava e, de peito feito, encarregou-se da sua própria apresentação, entre nós, como o anunciador do novo Portugal no Brasil, o representante do

Modernismo português: “Foram os novos que eu procurei, foram os novos que me rodearam, foram eles que fizeram o meu triunfo, foram eles que afixaram o meu nome, em grandes letras, por todo o Brasil, nas discussões, nos jornais e nos livros”<sup>21</sup>. De resto, e recuperando aquilo que rejeitara quase 15 anos antes, reclamou mesmo mérito pessoal na história do Modernismo em Portugal, ao lado de Sá-Carneiro, agindo como se ambos fossem pais fundadores do Orpheu e do movimento modernista – num artigo publicado no *Notícias Ilustrado* em 1929, escrevia:

Triunfou o modernismo em Portugal? Suponho que sim, porque o sinto, cada vez mais, na própria alma de quem o combate. Toda essa mocidade que anda aí pelos jornais, pelas capas de livros, pela fisionomia gráfica das revistas, pela pintura, pelos cartazes, pelas montagens de certas peças ligeiras – é obra nossa, é o nosso influxo, a nossa respiração<sup>22</sup>.

Trazer a Europa para Portugal. Mas, também, levar Portugal, “isolado no seu mirante”, para mais perto da Europa<sup>23</sup>. Mais do que um projecto, uma missão. Nestas frases se pode resumir muito do percurso público de Ferro depois deste retorno do Brasil.

Desde logo, através da experiência do Teatro Novo, que teve uma existência breve e fugaz, de cerca de um mês, em 1925, lançado pela mão de Ferro, José Pacheco e Lino Ferreira. Inspirando-se na experiência do Teatro Estúdio dos Campos Elísios, em Paris – que Ferro terá descoberto numa das suas muitas viagens à cidade luz – uma das salas do cinema Tivoli em Lisboa serviu de lar a este projecto, que pretendia criar o primeiro teatro de arte português, com mais de trezentos lugares e preços para um público de elite, de devotos da *performance* teatral, impacientes por um repertório de peças de vanguarda (de autores nacionais e estrangeiros). As massas não eram esquecidas, estando também planeado, uma vez por semana, um espectáculo a preços populares, bem como a existência de *matinées* musicais, conferências e uma temporada de *music-hall* no Verão.

As dificuldades financeiras determinaram que apenas duas peças tenham sido encenadas: *Uma Verdade para Cada Um*, de Luigi Pirandello e a obra *Knock ou a Vitória da Medicina*, de Jules Romain<sup>24</sup>, que marcou pelo facto de ter sido usado um automóvel em palco, recurso que gerou grande polémica, mas acerca do qual o cenógrafo Leitão de Barros (com o apoio de Ferro) se mostrou

---

21 Ferro, António – Carta aberta ao Portugal de hoje, ao Portugal de vinte e tantos anos. *Contemporânea, Grande Revista Mensal*, vol. III, nº 9, 3.1923, p. 151-152.

22 Ferro, António – Alguns precursores. *O Notícias Ilustrado*, série II, nº 37, 1929, p. 14.

23 Ferro, António – Vida. *Diário de Notícias*, 7.5.1932, p. 1.

24 Anunciou-se ainda a representação das peças *Portugal*, de Almada Negreiros, *Luz dos Meus Olhos*, de José Osório de Oliveira, *Mar Alto*, do próprio Ferro, além de obras de Gil Vicente, Aquilino Ribeiro, Carlos Selvagem, Alfredo Cortez e Fernanda de Castro; entre os autores estrangeiros, Bernard Shaw, Jean Cocteau, Tchekov (Correia, 2005).

irredutível. Ambicioso e altamente publicitado, o projecto de Ferro terá sido mais “um momento de inquietação” modernista no percurso do escritor e jornalista, ou uma “rampa de lançamento para outros interesses e outros projectos” do próprio Ferro (Correia, 2005: 125 e 126)? A verdade estará, como sempre, algures no meio. O Teatro Novo apresentava-se como uma proposta que correspondia ao modernismo mundano que já vimos ser o do jovem literato: era principalmente, por isso, um acontecimento mundano, uma tentativa elitista de importação do bom gosto dos *boulevards* parisienses, sem levar em consideração o gosto nacional – quer da crítica, quer do público – pouco avesso a grandes novidades e, sobretudo, sem o carácter de uma verdadeira experiência teatral de vanguarda (Santos, 2004). Condenada à nascença, portanto.

Mas que não o fez esmorecer. Pelo contrário, porque o destaque seguinte é para aquilo que foi uma mega-organização: o V Congresso da Crítica Dramática e Musical<sup>25</sup>, realizado na capital, em Setembro de 1931, que trouxe a Portugal delegações de críticos musicais, teatrais e literários de França, Inglaterra, Checoslováquia, Bélgica, Áustria, Polónia, Grécia, Roménia, Hungria, Dinamarca, EUA, Estónia, Alemanha, Itália e Bielorrússia. Um congresso que Ferro organizou e para o qual conseguiu um conjunto de apoios, estatais e privados, que demonstram, de forma clara, a importância que lhe foi conferida: o Conselho Nacional de Turismo financiou o evento com 34 000\$00, o Ministério dos Negócios Estrangeiros com 20 000\$00 e o Ministério da Instrução dispôs 8 000\$00 escudos; o Banco de Portugal contribuiu com 5 000\$00 e a Câmara Municipal de Lisboa com 3 000\$00.

Nos dez dias do congresso, entre 18 e 28 de Setembro, realizaram-se apenas 5 sessões, se se contar com a de encerramento. Em boa verdade, a maior parte do programa foi ocupada com propaganda, a propaganda do país: os congressistas (entre os quais Pirandello, Robert Kemp, Fabre Leuret e Gerard Bauer) foram acolhidos como verdadeiros turistas, podendo apreciar “quase tudo quanto de mais interessante, de mais belo, de mais pitoresco se pode ver em Portugal”<sup>26</sup>.

Na prática, foi uma apresentação de Portugal à Europa, a partir de dois vectores.

O da Tradição (centrado na cultura popular e na história nacional) – visível nos locais e eventos escolhidos para o minipériplo pelo país que os congressistas realizaram: foram até à Curia, Sintra, Estoril e o Buçaco; fizeram excursões aos mosteiros de Alcobaça, Mafra, Batalha e Jerónimos,

---

25 Isto depois de Ferro ter fundado, no mesmo ano, a Associação de Crítica Dramática e Musical (mais tarde transformada em Sindicato Nacional da Crítica), de que foi o primeiro presidente. A Associação propunha-se formar uma biblioteca, promover conferências e publicações, organizar congressos, nacionais e internacionais e intervir em possíveis casos de conflitos entre os associados e as empresas jornalísticas e as instituições.

26 A embaixada intelectual. *Diário de Notícias*, 23.6.1935, p. 1.

visitaram a Torre de Belém e o Museu dos Coches; desfrutaram de um passeio pelo Tejo, oferecido pela Companhia Nacional de Navegação; conheceram a fábrica de tapetes de Beiriz; assistiram a uma parada de campinos ribatejanos, à dança do fandango, a corridas de touros e a variadas festas populares, em Alfama, em ruas arrançadas com janelas floridas e candeias de papel, acompanhadas por fados e guitarradas, mas também nos jardins do Bom Jesus do Monte, em Braga, no santuário de Santa Luzia em Viana do Castelo, e em Vila do Conde, onde participaram numa desfolhada (Ribeiro, 2014b).

E, em complemento, o da Modernidade – aos congressistas foi oferecida uma sessão de cinema português, tendo assistido ao filme *Severa*, de Leitão de Barros e ao documentário *Douro, Faina Fluvial*, de Manoel de Oliveira. O crítico Émile Vuillermoz falou mesmo da possibilidade de Portugal assumir um papel muito interessante no cinema europeu (apud Zúquete, 2005). Veremos mais à frente o que aconteceu a tal ideia. Em suma, com um simples evento criava-se uma narrativa de Portugal, desvirtuada (porque selectiva), mas que persistiu durante décadas. Porventura, ainda persiste...

Para Ferro, tratou-se da sua primeira grande campanha de propaganda no estrangeiro. Uma campanha que iria prosseguir, com outros meios e fundos, quando assumiu a direcção do Secretariado. Mas foi igualmente parte importante do seu programa de auto-promoção, uma vez que lhe permitiu ser durante dois anos presidente da Federação Internacional da Crítica.

Nesta mesma linha de acção – divulgação de Portugal, aproximação do país ao cânone cultural europeu e promoção da sua figura pública – se pode inserir a organização de uma série de conferências sobre o país, em 1932. Primeiro em Paris, na Casa de Portugal onde, além de discursos sobre a pátria lusa, proferidos por alguns dos intelectuais que tinham estado em Lisboa no ano anterior, no V Congresso da Crítica (como Gérard Bauer, Paul Valéry, Fernand Gregh, Robert Kemp e Émile Vuillermoz), Ferro e a mulher divulgaram Portugal através de uma conferência-diálogo, onde foram imitados pregões de Lisboa, se descreveu a beleza da cidade e se falou do povo português (Ribeiro, 2014b). Depois, trazendo a Europa a Portugal, com conferências em Lisboa de Lucien Dubech e Filippo Tommaso Marinetti.

A breve visita deste último a Portugal foi rodeada de polémica e escândalo, apesar de Ferro a ter publicitado como uma vitória dos modernistas – e, naturalmente, a leitura implícita mas evidente: uma vitória pessoal, ou não fosse ele o homem que tinha conseguido trazer o grande futurista a Portugal pela primeira vez...

Então presidente da Academia Italiana, do alto dos seus 55 anos Marinetti apresenta, a 23 de Novembro, na Academia Nacional de Belas Artes, a conferência “A Itália de hoje e o futurismo mundial”.

Tinham passado 23 anos sobre a publicação do seu manifesto futurista. Muito tempo, pois. E a frescura do manifesto há muito que se perdera. Pior. Degradara-se. Muito implicado com o fascismo, o Futurismo reduzia-se, então, em Itália, a uma escola, ultrapassada a fase heróica do movimento, com Marinetti a revelar-se mais um fascista do que um futurista. E a polémica estalou, liderada por um modernista/futurista, Almada Negreiros, que descreveu a conferência, num violento artigo no *Diário de Lisboa*, como um “ameno sarau mundano” de um escritor italiano que está “naquela fase académica e na respectiva idade que se prestam lindamente a ser manejadas”, considerando-a “a vitória dos inimigos declarados do futurismo”, aqueles a quem chama de “putrefactos”, “arranjistas” e “botas-de-elástico”<sup>27</sup>. Nestes, o ‘Narciso do Egipto’ incluía Ferro, que atacou abertamente, referindo-se à sua “traição” relativamente ao movimento que tinha abraçado na sua juventude, às “habilidades” de autopromoção, e ao seu “programa pessoalíssimo”<sup>28</sup>, que nada tinha que ver com o que explanara dois dias antes no seu célebre texto “Política do Espírito”, no *Diário de Notícias*, que analisarei no próximo capítulo.

Ferro foi um entusiasta de heróis e de líderes carismáticos.

Deixou-se encantar, primeiro, por Sidónio Pais, o “Presidente-Rei” de Fernando Pessoa, que terá conhecido apenas à distância, em 1918, no próprio ano da sua morte<sup>29</sup>. Nele interessaram-no sobretudo a elegância, a atitude, a *performance*. Depois, foi Filomeno da Câmara, a quem fora apresentado por um amigo comum, Alberto Osório de Castro. Será ele o mentor de Ferro quando, ainda em 1918, foi mobilizado para o serviço militar, em Angola, como oficial miliciano. Filomeno da Câmara era então capitão-de-fragata e governador da província africana, por nomeação de Sidónio Pais, e Ferro serviu primeiro como seu ajudante-de-campo, sendo depois nomeado secretário-geral do governo da colónia, cargo que ocupou aos 23 anos. Para Ferro, Filomeno foi o seu “professor do nacionalismo prático” (Ferro, 1954: 23). O primeiro, pelo menos...

No retorno a Portugal, em 1919, como já vimos, envereda pela carreira jornalística, tendo sido repórter em alguns dos maiores jornais nacionais: *O Século* (1920), o *Diário de Lisboa* (1921-1922) e o *Diário de Notícias* (1923-1933). O seu foi um jornalismo cultural: foi crítico literário e teatral, mas também entrevistador de personalidades relevantes na cena internacional, como o papa Pio XI e

---

27 A violência do artigo de Almada justifica-se por dois motivos: além da querela pessoal com Ferro, aqui apresentada a traços largos, Almada sente também de forma pessoal o esquecimento por parte de Marinetti dos futuristas portugueses (cujas obras conhecia), uma vez que este tinha sido um dos seus mais fervorosos admiradores e discípulo (Miraglia, 2009). Para mais informações, ver artigo de Almada no *Diário de Lisboa*, a 22 de Março de 1935: “O cheiro a bafio e várias outras singularidades”.

28 Negreiros, Almada – Um ponto no i do Futurismo. *Diário de Lisboa*, 25.11.1932, p. 5 e 8.

29 Crê-se que de uma janela do primeiro andar do café Martinho, fronteiro à estação do Rossio, onde uma multidão aclamava o regresso de Sidónio de uma viagem triunfal ao Porto (França, 1997).

o cardeal Gasparri, chefe da diplomacia do Vaticano, o rei Afonso XIII de Espanha, os marechais Pétain e Foch, escritores e intelectuais como Jean Cocteau, Valle-Inclan, Ortega y Gasset e Miguel Unamuno, o industrial Citroën, o diretor do jornal *Figaro*, a cantora e atriz parisiense Mistinguett ou o famoso aviador Charles Lindbergh<sup>30</sup>.

Mas também um jornalismo ideologicamente comprometido. Começando pela carreira, curta como a própria existência do periódico – cinco meses de actividade – n' *O Jornal*, como director. Mas marcante, já que se tratava do órgão oficial do Partido Republicano Conservador, que se situava politicamente na área do liberalismo republicano autoritário, ao serviço do neosidonismo e da ala mais radical do mesmo. No número 1 do periódico, de Agosto de 1919, pode ler-se: “Conservador é todo o republicano que quer filiar as reformas fecundas e estáveis da República na tradição nacional, considerando a Ordem como condição essencial do Progresso e o Progresso como a melhor garantia da Ordem” (apud Leal, 2008: 75). Ordem, Tradição.... Dois conceitos ideológicos de que o novo regime em Portugal, a partir de 1932, se irá servir incessantemente.

Em 1920, já ao serviço de *O Século*, faz a cobertura jornalística da conquista de Fiume por Gabriele d'Annunzio<sup>31</sup> – ótimo pretexto para faltar aos exames finais da licenciatura em Direito – publicando essas reportagens dois anos depois, na obra ao estilo modernista *Gabriele d'Annunzio e Eu*. Em D'Annunzio vê Ferro um herói, um protagonista histórico (e artístico: lembre-se que D'Annunzio desenvolveu uma prolífica carreira literária, tendo sido poeta, dramaturgo e romancista), messiânico, porventura estonteado pelo ambiente incendiário que se vivia em Fiume ou pelas saudações à romana que em breve seriam moda....

No *Diário de Notícias*, então dirigido por Eduardo Schwalbach, Ferro granjeou notoriedade pelas entrevistas que realizou a um conjunto de políticos que corporizavam a sua ideia de ‘Chefe’: Primo de Rivera, Mustapha Kemal, Benito Mussolini ou Georges Valois (criador do movimento fascista em França, em 1925), reunindo estas entrevistas e outras peças jornalísticas nas obras *Viagem à Volta das Ditaduras* (1927) e *Praça da Concórdia* (1929). Destes chefes carismáticos, atraíu-o sobretudo Mussolini, a quem entrevistou por três vezes, a primeira das quais em 1923 (depois em 1926 e novamente em 1934), assinalando o primeiro aniversário da Marcha sobre Roma. Para Ferro, Mussolini era “o grande mestre da política moderna” (Ferro, 1927: 75); sentia-se em particular atraído pelos

---

30 Entrevistas publicadas em obra como *Prefácio da República Espanhola* (1933) e *Homens e Multidões* (1941).

31 Cidade situada no Adriático, pertencendo ao Império Austro-Húngaro, Fiume, pela sua especificidade, encontrava-se muito mais ligada a Itália do que a este; foi tomada por Gabriele d' Annunzio, que avançou sobre a cidade com um exército nacionalista voluntário de 2 000 italianos, expulsou as forças aliadas, instalou-se no Palácio do Governo e proclamou-a cidade livre.

aspectos estéticos do fascismo italiano, aspectos esses que permitiram moldar a sua concepção de povo: “O povo que me interessa é o povo que ilumina as ruas, que transforma as cidades em alegres presépios, o povo carinhoso e bom das humildes ocupações, o povo-menino que não tem cultura, que não tem inteligência” (Ferro, 1927: 117). Um povo-marioneta, para ‘inglês ver’?...

Eis como muitas das concepções que nortearam o seu trabalho como director do Secretariado começam aqui a germinar. Tratará de as fazer crescer, como sabemos.

Convém abrir aqui um parêntesis para sublinhar a importância que, para a obtenção destas entrevistas, teve Francisco Homem Cristo Filho, que mencionei anteriormente. Cristo Filho, mais novo do que Ferro três anos, foi – tal como muitos intelectuais da sua geração – escritor e jornalista. Terá sido esta profissão a aproximá-lo de Ferro, em primeiro lugar. Mas depois viveram cumplicidades e aventuras políticas, na fase de agonia da I República que, para Cristo Filho, redundaram no exílio em França, uma das suas pátrias adoptivas. A outra foi Itália, onde chegou atraído por Mussolini. Dele o historiador João Medina afirmou ser “o único fascista autêntico da nossa história política, o único que bebeu as doutrinas do fascio mussolinesco *sur place*” (apud Victorino, 2018a: 156)<sup>32</sup>. Em Paris, Cristo Filho estabeleceu relações intensas e próximas com influentes periódicos e moveu-se com à vontade em diversos círculos intelectuais e políticos. Graças à sua influência e amizade, proporcionou a Ferro acesso a alguns dos seus contactos internacionais, como deixa claro no artigo do *Diário de Lisboa* a que fiz já menção:

Em fins de 1924, António Ferro voltou a Paris, onde se demorou três semanas. Quis, durante esse curto prazo, realizar uma série de entrevistas com políticos, escritores, artistas célebres [...]. Foram, se não me engano, quarenta e cinco os entrevistados [...]. Coube-me a agradável tarefa de o introduzir, entre os quarenta e cinco, junto de quarenta dessas individualidades<sup>33</sup>.

Outro parêntesis: para o papel da imprensa nestes anos entre guerras. O fim do primeiro conflito mundial trouxe a preponderância de uma nova cultura, centrada na imagem, e uma mudança significativa no jornalismo, que se assumia cada vez mais como uma máquina de representação do real. Tradicionalmente dominado pela palavra escrita, era agora desafiado a criar uma forma de expressão escrita que pudesse produzir imagens. Assistiu-se, em consequência, a um aumento expressivo da presença de elementos visuais – fotografias e gravuras – em parte significativa da imprensa, até mesmo da diária (Baptista, 2018). Mas esta mudança não era suficiente: tornava-se necessário, igualmente, uma nova forma de escrita e um novo tipo de jornalista. Um que fosse

---

32 Desta relação nasceu o livro *Mussolini batisseur d'avenir: harangue aux foules latines*, publicado em 1923.

33 Filho, Homem Cristo – A filiação espiritual de António Ferro. *Diário de Lisboa*, 13.2.1926, p. 3.

participante activo da realidade que desejava retratar. Surge o jornalista-escritor, e as fronteiras entre o escritor/jornalista e a literatura/reportagem começam a esbater-se. António Ferro foi um destes jornalistas-escritores, rapidamente assim reconhecido e tido como um modelo.

Para o próprio Ferro, o jornalismo era um elemento-chave na sua notoriedade pública. Percebeu nele uma oportunidade de participar na construção do seu tempo, dando-lhe forma e ritmo, e ilustrando-o através de uma linguagem de tipo cinematográfico. O seu jornalismo assumia assim um estilo literário, intrinsecamente visual, repleto de espectacularidade, assente no uso repetido de paradoxos e metáforas. Será esta sua preocupação com a imagem a justificar, também (sobretudo?), a sua atracção pelo cinema.

Enquanto jornalista, Ferro entendia a entrevista como uma narrativa quase autónoma, onde a realidade funcionava como um mero referente, como se depreende das ideias que apresenta numa conversa acerca da *Ilustração Portuguesa*, revista que dirigiu<sup>34</sup>:

A entrevista costuma ser a arte de pôr palavras de espírito na boca de determinadas pessoas. [...] De duas uma: ou o entrevistado tem valor, e então há o perigo de atraí-lo com uma palavra a elegância de um pensamento; ou o entrevistado não diz nada, não sabe nada, não vê nada e então há a tortura de inventá-lo, de maquilhá-lo, de vesti-lo, de trazê-lo ao cenário do jornal ou da revista, com interesse, com novidade, com espírito<sup>35</sup>.

Para Filomena Serra, Ferro funcionava como um fotógrafo ou, melhor, como um realizador, criando um filme, com o seu guião e mesa de montagem: “Ele redirecciona, compõe ângulos, enquadra, guia ao longo dos corredores, salas e jardins, observando pormenores, passo a passo, [fazendo] grandes planos e planos recuados” (2018: 18). Por isso, não havia reportagem ou entrevista em que não sobressaíssem as notas de paisagens, os ambientes das ruas e cidades, bem como o retrato, físico e moral, dos entrevistados, colocando “a metáfora ao serviço da imagem” (Serra, 2018: 10), de forma a prender a atenção e estimular a imaginação do leitor. Artista da escrita, o jornalista aplicará toda a sua técnica e *verve* nas entrevistas realizadas em 1932 ao Presidente do Conselho, como veremos.

---

34 Complemento semanal ilustrado do jornal *O Século*, a revista permanecia com a mesma orientação desde a sua criação, em 1903. O desafio de Ferro – que foi seu director num período muito curto, entre Outubro de 1921 e Maio de 1922 – foi o de renovar o magazine para que competisse com a concorrência e respondesse ao gosto de um público mais vez mais cosmopolita. Ferro apresentou um design modernizado, simplificando a paginação, apresentando rubricas especificamente mundanas e reduzindo o número de páginas dedicadas à actualidade política; todavia, a maior mudança operada foi na dimensão visual da revista, apostando na colaboração gráfica dos artistas modernos e em entrevistas profusamente ilustradas por fotografias (Baptista, 2018).

35 O Homem Que Passa – A Ilustração Portuguesa entrevista a Ilustração Portuguesa. *Ilustração Portuguesa*, nº 816, 8.10.1921, p. 232.

Politicamente, António Ferro deixou-se fascinar pelas direitas nacionalistas, de tipo autoritário e ditatorial que, na década de 1920, despontavam no continente europeu. Os ditadores europeus que Ferro tinha entrevistado pareciam-lhe heróis modernos, homens de acção, super-homens capazes de servir a unidade nacional e regenerar as suas pátrias (Adinolfi, 2007). Não admira (embora não concorde totalmente) que autores como José Guilherme Victorino vejam em Ferro o “arauto difusor do ideário fascista em Portugal” (2018a: 155).

No plano doméstico, Ferro começou como defensor de um nacionalismo republicano mais conservador, mas comprometido ainda com o liberalismo, assumindo depois um republicanismo de cariz autoritário e presidencialista, seguindo o exemplo de outros intelectuais da época, como Fernando Pessoa ou António Sérgio, como forma de oposição ao parlamentarismo, sistema que considerava ineficaz por estar associado ao partidarismo. Como resume Ernesto Castro Leal: “No campo das possibilidades disponíveis, António Ferro escolhe o modernismo e o futurismo como atitude estética e o presidencialismo como atitude política” (1994: 37). Terá sido esta uma reacção face ao que acontecia em Portugal, uma nação onde, a um parlamento totalmente incapaz de servir o país, se juntava um partido republicano cada vez mais dividido, e uma classe média e proletária progressivamente empobrecidas pela inflação e pela crise económica? A reacção à desilusão sentida em relação ao republicanismo democrático, responsável, na sua óptica, pela desnacionalização e decadência nacionais? A verdade é que Ferro ansiava por uma refundação da República, através de um regime de força, de tipo autoritário. Muitos da sua geração pensavam o mesmo.

Entrou na vida política activa ao serviço da causa sidonista: como membro da Comissão de Imprensa do Centro Republicano Dr. Sidónio Pais, em 1921, e, no ano seguinte, como candidato à vereação da Câmara Municipal de Lisboa, pelo Partido Republicano Nacional Presidencialista. Envolveu-se activamente na procura da mudança, colaborando na revolta de 18 de Abril de 1925 e no *Golpe dos Fifis*, em Agosto de 1927, organizados por Filomeno da Câmara<sup>36</sup>. Se o golpe de 1925 terá sido o primeiro ensaio do 28 de Maio de 1926, o de 1927, que contou com a colaboração de Fidelino de Figueiredo e de elementos ligados ao Integralismo Lusitano, procurou empurrar a recém-nascida Ditadura Militar numa direcção mais fascizante, ao estilo da Itália de Mussolini, que quer Ferro quer Filomeno admiravam<sup>37</sup>.

---

36 Com Filomeno da Câmara estabeleceu uma amizade que durou até à morte deste, em 1934. Sobre Ferro escreveria o primeiro: “Poucos meses durou a aventura, os bastantes, ainda assim, para cimentarem a nossa amizade e para exercerem uma influência decisiva na carreira literária do moço poeta que, até ali, não encontrava saída do labirinto das mesas do café Martinho onde bebia, com um café detestável, uma inspiração ainda mais detestável” (entrada “António Ferro - Biografia, 1917/1923”, no site Fundação António Quadros, *Cultura e Pensamento*: [http://www.fundacaoantonioquadros.pt/index.php?option=com\\_content&task=view&id=29&Itemid=59&limit=1&limitstart=2](http://www.fundacaoantonioquadros.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=29&Itemid=59&limit=1&limitstart=2)).

37 O (longo) prefácio que escreveu para o livro de Ferro, *Viagem à Volta das Ditaduras*, publicado no ano anterior, em 1926, era bem demonstrativo desta admiração, louvando Filomeno da Câmara a figura do ‘salvador’ Mussolini

O golpe, como se sabe, falhou e Filomeno da Câmara acabou desterrado em África. Mas isso não desencorajou Ferro, que persistiu na procura de um salvador para a pátria, ao melhor estilo sebastianista. Descobre-o no recém-nomeado Presidente do Conselho de Ministros, António de Oliveira Salazar, com quem se encontrou pela primeira vez em 1932, e que deu a conhecer ao público através de uma série de cinco entrevistas, publicadas no *Diário de Notícias* nesse mesmo ano. Ferro é então um homem viajado, cosmopolita, *bon vivant*. O livro que resulta das entrevistas de 1932 – *Salazar, O Homem e a sua Obra*, publicado em 1933 – parece ter sido directamente inspirado nas entrevistas que Mussolini dera em Abril desse ano ao escritor e jornalista alemão Emil Ludwig, publicadas em livro, editado na Europa e na América. A edição portuguesa atingiu os 125 000 exemplares, um número só explicável pelo facto de ser distribuído pelas câmaras municipais do país de forma gratuita.

*Salazar, O Homem e a sua Obra* é, desta forma, uma apresentação à opinião pública nacional de Salazar e do seu pensamento político: faz a apologia das virtudes do estadista, do cidadão e da sua acção enquanto Ministro das Finanças, por um lado e, por outro, procura legitimar ideologicamente o novo regime. Mas será igualmente um cartão-de-visita no estrangeiro, já que a obra foi traduzida para 13 línguas: para francês logo em 1934, por Fernanda de Castro, com um prefácio do celebrado poeta Paul Valéry; no ano seguinte, surge a versão espanhola, com prólogo do escritor catalão Eugenio d'Ors e em 1939 a edição inglesa, prefaciada pelo político conservador Austen Chamberlain (Paulo, 1996)<sup>38</sup>.

Precocemente, em 1921, no *Diário de Lisboa*, Ferro tinha desenvolvido num artigo certas considerações sobre a relação entre políticos, a arte e os artistas; tinha então escrito:

A nossa política não tem beleza, não tem cenário, não tem figuras decorativas, não tem atitudes de baixo relevo. É esse o maior defeito da vida pública portuguesa. Ninguém cuida de vestir os sentimentos, de lhes dar forma, de lhes dar elegância, de os pôr apresentáveis [...]. Urge, numa palavra, modernizar Portugal<sup>39</sup>.

Ao longo de 1932, vai publicando no *Diário de Notícias* uma série de artigos<sup>40</sup> que desenvolviam e ampliavam estas ideias de 1921, com um único propósito: apresentar-se ao 'Chefe', a Salazar, como o homem de que ele necessitava. Necessitava? Sim, responde Ferro, para "criar uma vida interior, uma vida nacional", uma "vida aparentemente frívola", uma "vida-espuma", mas necessária como "pretexto para vibrar": "Construamos parques, estádios, inventemos cerimónias [...], estimulemos

---

e a obra do fascismo em Itália.

38 Existem ainda diversas outras traduções, inclusive uma em língua concani, publicada em Goa.

39 Ferro, António – O Parlamento e os artistas. *Diário de Lisboa*, 7.7.1921, p. 8.

40 Entre os mais conhecidos e importantes: *Ano Novo, Ano Bom?* (1.1.1932); *Vida* (7.5.1932); *Falta um Realizador* (14.5.1932); *Aqui para Nós* (27.8.1932); *O Ditador e a Multidão* (31.10.1932) e *Política do Espírito* (21.11.1932).

o desporto, protejamos o teatro, a pintura, o livro, todos os instrumentos dessa vida saudável<sup>41</sup>. Ferro deixava clara a ausência de um espírito criador no país, sentindo que “as paradas, as festas, os emblemas e os ritos são necessários, indispensáveis, para que as ideias não caiam no vazio, não caiam no tédio<sup>42</sup>. Mas também alguém que resolvesse o problema da dispersão das iniciativas e dos talentos.

Qual seria então o papel que Ferro se atribuía neste novo regime? O de intermediário entre a ditadura e as massas, face à natureza, recatada, do Chefe:

Se a natureza do chefe é avessa a certos contactos, se é preferível, talvez, não a contrariar para não a quebrar na sua fecunda inteireza, que se encarregue alguém, ou alguns, de cuidar da *mise en scène* necessária, das festas, do ideal, dessas entrevistas indispensáveis nas ditaduras, entre a multidão e os governantes<sup>43</sup>.

E, mais ainda, o de realizador do regime:

Atravessamos um dos períodos mais brilhantes da nossa história contemporânea. Tudo nos seus lugares, tudo à espera de ordens, tudo à espera dum traço de união [...]. Tudo a postos, tudo arrumado, tudo pronto a partir, a embarcar [...]. O que falta, para fazer o filme, para criar movimento, para criar alegria, alegria de viver, o tónico das raças fortes, das raças com futuro? Falta um *metteur-en-scène*, falta alguém que junte esses elementos dispersos [...], que dê as entradas e saídas, que faça as marcações, conduza o baile... Enquanto esse *metteur-en-scène* não se revelar [...] a vida portuguesa continuará a marcar passo, a fingir que anda<sup>44</sup>.

Portanto, se faltava um espírito criador a Portugal, Ferro achava-se capaz de o providenciar. As suas crónicas são auto-explicativas: através delas, o jornalista propunha-se ao cargo que em 1933 recebeu de Salazar. Mas, para lá chegar, compreende que se tornava necessário fazer um acto de contrição, relativamente a um passado público pouco consentâneo com o clima político agora existente, e face a um ‘Chefe’ pouco intolerante com derivas revolucionárias e vanguardistas. Tem de se libertar dos compromissos e alianças feitas. E fá-lo. No ‘seu’ jornal, o *Diário de Notícias*, não tem pejo em escrever contra o movimento que tinha abraçado na sua juventude – o “futurismo barato” e “pelintra”, o “falso vanguardismo”, “o futurismo dos borrões vermelhos, dos triângulos pendurados e do delírio verbal...”<sup>45</sup>.

E todos percebem a sua ‘retirada’. No *Diário de Lisboa*, Joaquim Manso adverte Ferro:

---

41 Ferro, António – Vida. *Diário de Notícias*, 7.5.1932, p. 1.

42 Ferro, António – O Ditador e a Multidão. *Diário de Notícias*, 31.10.1932, p. 1.

43 Ferro, António – O Ditador e a Multidão. *Diário de Notícias*, 31.10.1932, p. 1.

44 Ferro, António – Falta um realizador. *Diário de Notícias*, 14.5.1932, p. 1.

45 Ferro, António – Ano Novo, Ano Bom? *Diário de Notícias*, 1.1.1932, p. 1

O nosso querido amigo António Ferro principia a sentir o peso das honras e dos triunfos. Desejaria proclamar bem alto o seu pregão matinal de futurista e de extremista – nas imagens e nas metáforas – mas sente que o próprio futuro lhe aconselha: – Cuidado, muito cuidado!...<sup>46</sup>.

Em 1933, a 25 de Setembro, pelo decreto-lei nº 23 054, era criado o Secretariado de Propaganda Nacional, em plena fase de afirmação ideológica do Estado Novo. Ferro, então com 38 anos, recebe a direcção do organismo, como esperava. E quando Salazar o escolheu para este cargo, de enorme confiança política e pessoal – uma vez que estava sob a alçada da Presidência do Conselho, e o seu director despachava directamente todas as matérias com Salazar – fez uma escolha pragmática. Alicerçada no facto de o Estado Novo precisar da propaganda para se afirmar na ordem política, interna e externa. E Ferro parecia ser o homem certo no momento certo, possuidor de uma rede de relações internacionais – com contactos privilegiados em posições-chave nos sectores da vida cultural, literária e artística europeia – que tinha desenvolvido durante a sua carreira jornalística, que lhe permitirão amplificar no contexto europeu a acção política desenvolvida pelo novo regime e difundida pelo Secretariado.

Extrovertido, *charmeur* e audaz, António Ferro tinha granjeado notoriedade na vida pública portuguesa, como vimos; enquanto político de carreira ao serviço do Estado Novo<sup>47</sup>, Ferro prosseguiu o que tinha começado como jornalista quando, através das reportagens, entrevistas e artigos que publicava nos jornais nacionais de grande divulgação, concebia e divulgava uma noção do mundo e da realidade. Sem qualquer dúvida, na sua prática jornalística, o jornal era, simultaneamente, câmara de filmar e máquina de projectar, não propriamente da realidade, mas de uma imagem da realidade que a legitimidade noticiosa fazia passar pela própria realidade. Confusos? As páginas seguintes ajudarão a esclarecer esta prática e este ideário.

Como director do organismo estatal de propaganda do regime, Ferro procurou criar uma forma de representação da realidade que se adequasse aos princípios ideológicos do regime e permitisse atingir um grande objectivo: um consenso social e político em torno do ideário nacionalista do Estado Novo. Desta forma, pela sua acção à frente deste organismo, que se constituiu como a génese de um Ministério da Cultura, revelou-se uma peça-chave na legitimação das políticas e práticas culturais do regime, subordinadas ao interesse supremo da Nação, ao longo de mais de década e meia, entre 1933 e 1949. Visto por uns como o poeta da acção, que encetou a renovação do panorama cultural português, para outros foi o mentor de uma prática estético-cultural dominada pelo vector

---

46 Manso, Joaquim – Marinetti. *Diário de Lisboa*, 26.11.1932, p. 1.

47 Ferro integrou a Câmara Corporativa, na sequência do cargo de presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas, entre 1934 e 1937.

político-ideológico, até que a derrota das ditaduras fascistas europeias, com o final da II Guerra Mundial, tornou a propaganda de Ferro (e o próprio Ferro) inconveniente para o regime. Tal embaraço conduziu, em última análise, à sua saída do organismo, em finais de 1949, levando-o a abraçar uma carreira diplomática: foi Ministro de Portugal em Berna (1950-1954) e em Roma (1954-1956).

Morreu cedo e inesperadamente, em 1956, na sequência de uma intervenção cirúrgica sem gravidade, da qual Salazar tentara aparentemente dissuadi-lo, num quarto particular do Hospital de S. José, no dia 11 de Novembro. Tinha 61 anos.

O seu testamento político (já que outro não deixou, conforme consta da certidão de óbito) encontra-se numa série de dezasseis brochuras da “Política do Espírito”, editadas metodicamente entre 1948 e 1950, reunindo os discursos em eventos e textos de intervenção.